



**UFSM**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM GESTÃO  
EDUCACIONAL**

---

**PRÁTICAS EDUCATIVAS NAS QUINTAS SÉRIES DAS  
ESCOLAS ESTADUAIS RURAIS DE CAÇAPAVA DO SUL**

**MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO**

**GERUSA MARIA XAVIER DE LIMA**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2005**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Monografia de Especialização

**PRÁTICAS EDUCATIVAS NAS QUINTAS SÉRIES DAS ESCOLAS  
ESTADUAIS RURAIS DE CAÇAPAVA DO SUL**

elaborada por

**GERUSA MARIA XAVIER DE LIMA**

como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Especialista em Educação com Ênfase em Gestão  
Educativa**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

**Profª Ms. Myrian Cunha Krum  
Presidente /Orientador**

---

**Prof. Esp. José Luiz Damilano**

---

**Prof. Ms. Cláudio Emelson Guimarães Dutra**

**Santa Maria, 29 de abril de 2005**

## **MENSAGEM**

“ A educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana. Estamos na era planetária; uma aventura comum conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem.

Estes devem reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano”.

**(MORIN,2000)**

## **AGRADECIMENTO**

A Deus, que na sua infinita bondade, nos dá força, coragem e vontade, na concretização de nossos objetivos.

A minha família, pelo carinho e compreensão da minha ausência.

As colegas e alunos, pela colaboração.

A Professora Myrian, que sempre se fez presente, orientando o trabalho e incentivando o meu crescimento.

## **RESUMO**

Monografia de Especialização  
Programa de Pós-Graduação em Gestão Educacional  
Universidade Federal de Santa Maria

### **PRÁTICAS EDUCATIVAS NAS QUINTAS SÉRIES DAS ESCOLAS ESTADUAIS RURAIS DE CAÇAPAVA DO SUL**

**AUTORA: GERUSA MARIA XAVIER DE LIMA**

**ORIENTADORA: MYRIAN CUNHA KRUM**

Data e Local da Defesa : Santa Maria, 29 de Abril de 2005

Este estudo de cunho qualitativo visa apresentar a realidade das práticas educativas das quinta séries de Escolas Estaduais de Ensino Fundamental da Zona Rural de Caçapava do Sul – RS, na visão de Diretores, Professores e Alunos. Para isto, buscou-se analisar como se apresentam as práticas educativas nas quintas séries (5<sup>as</sup>) das Escolas Estaduais Rurais de Caçapava do Sul, através dos seguintes questionamentos; se estas práticas atendem às reais necessidades e interesses dos alunos, identificar quais as dificuldades encontradas pelos professores do meio urbano, em desenvolver um currículo direcionado ao meio rural e, como as escolas estaduais rurais estão desenvolvendo sua prática, a fim de integrarem-se a sociedade da informação, do conhecimento. As sete escolas pesquisadas, todas localizadas na zona rural, atendem de 1<sup>a</sup> a 5<sup>a</sup> séries, exceto uma que atende Ensino Fundamental Completo. Estabeleceu-se contato com diferentes realidades das escolas, através de seus diretores, professores e alunos, buscando através de suas práticas educativas seus referenciais que indicassem o contexto trabalhado procurando caminhos para desenvolver uma educação de qualidade que forme cidadãos com autonomia. A escola hoje está a caminho de um construir interdisciplinar, visto que esteja procurando a mudança de suas práticas pedagógicas, surgindo desta maneira a idéia do global ao invés do ensino fragmentado, a qual desperta interesse dos educandos, acontecendo uma mudança positiva de hábitos, atitudes e comportamentos. Por outro lado, o estudo contribui para que houvesse um intercâmbio de questionamentos entre professores de uma mesma série de diferentes escolas, onde o mesmo promoveu uma troca de experiências em relação as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula.

**Palavras-Chave:** educação, práticas educativas, comunidade rural.

## ABSTRACT

This essay aim to represent the realities about the educational practices of the fifth grades classes at the State Basic Education Schools of the Rural area of Caçapava do Sul – RS, pointing qualitatives aspects on the directors, teachers and students view. So that it was search to analyse how the educational practices at the fifth grades are shown in Caçapava do Sul, to verify if they have the same situation; if this practices answer the real needs and interests of the students; to identify the difficulties found by the urban teachers; in develop a curriculum turned to the rural area and how the State Rural Schools are developing their practices , in order to become a part of the society of information and knoledge. The seven Schools researched, all of them located in the rural area, offer classes from first to fifth grades, except one that offers Complete Basic Education. It was stablished contact with different realities of the Schools, with their educational practices, the difficulties and success, provided by the challenges that become from the commitment of educate, respecting the differences and searching for ways to develop a good education that form citizens with autonomy. The school today is walking to a interdisciplinary construction, since as it is searching for change its educational practices, coming from that the idea of all instead of the fragmented teachig, which arouses interest in the students , taking place a positive change of habits, attitudes and behaviour. On the other hand, the study contributed for an exchange of questions among teachers of the same grade but from different schools, and it helps them promoting an exchange of experiences related to the educational practices applied in the classroom.

**Key words:** education, educational practices, local realities, rural community.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO .....</b>	<b>05</b>
<b>ABSTRAT .....</b>	<b>06</b>
<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>2. PRÁTICAS EDUCATIVAS .....</b>	<b>11</b>
2.1 A Educação Construindo a Cidadania .....	11
2.2 O Ato de Ensinar .....	14
2.3 A Necessidade do Planejamento .....	16
2.4. O Educador e a Prática Pedagógica .....	22
2.4.1 O Educador e a Escola Ideal .....	24
<b>3. O INTEGRAR NO ENSINO APRENDIZAGEM .....</b>	<b>29</b>
3.1 A Integração como Fator de Aprendizagem .....	29
3.2 A Renovação do Fazer Escolar .....	33
<b>4. METODOLOGIA .....</b>	<b>41</b>
4.1 Descrição da Pesquisa .....	41
<b>5. RELATO DOS DADOS OBTIDOS .....</b>	<b>44</b>
5.1 As Práticas Pedagógicas das Escolas Estaduais Rurais na Visão dos Diretores.....	44
5.2 As Práticas Pedagógicas das Escolas Estaduais Rurais na Visão dos Professores .....	47
5.3 As Práticas Pedagógicas das Escolas Estaduais Rurais na Visão dos Alunos .....	49
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>55</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>58</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Numa sociedade complexa, como a que se vive hoje, sente-se a necessidade que tem o indivíduo de formar seu próprio intelecto a fim de elaborar sua consciência de classe. Nesse sentido, intelectual é aquele que tem a função de organização do saber.

Sabe-se que cultura é uma criação humana, ao tentar satisfazer suas necessidades, o homem produz os meios, e com isso transforma o mundo natural e a si mesmo. Através do trabalho instaura relações sociais, cria modelos de comportamento, instituições e saberes. O aperfeiçoamento dessas atividades, no entanto, só é possível pela transmissão dos conhecimentos adquiridos através das gerações, bem como pela assimilação dos modelos de comportamento valorizados. Sendo assim, a educação mantém viva a memória e dá condições de sua sobrevivência.

Também se sabe, que na prática educativa nem sempre haverá lugar para a improvisação, para a rotina, e, como os processos de desenvolvimento da educação requerem um tratamento pessoal e coerente. Busca-se a integração, a preparação funcional da aprendizagem no saber fazer e fazer bem, promovendo o ser como um todo.

As práticas e opiniões sobre educação se desenvolveram gradativamente com o passar dos séculos, de acordo com os momentos históricos, fazendo uma relação entre passado e presente como aspectos de

uma vida em permanente desenvolvimento. Inicialmente a educação era vista como um trabalho, desenvolvido nas próprias famílias, independente do poder financeiro, onde as crianças aprendiam as relações de produção. Com a era industrial a educação passa a ter como objetivo moldar os indivíduos desde a sua formação, tornando-os mais obedientes e menos conflituosos, passando do doutrinamento para a disciplina.

Hoje, são inúmeros os desafios que se interpõem à tarefa de educar. Informação e conhecimento transformaram-se no fator produtivo mais importante no contexto trazido pelas mudanças econômicas de nossos tempos. Tornamo-nos aprendizes na sociedade do conhecimento, novas situações se apresentam no cotidiano, seja profissional ou social, com as quais precisa-se saber lidar. Para isso, exige-se uma grande capacidade de relacionamento humano e de trabalho coletivo.

Nesse contexto, apresentam-se desafios na sala de aula, onde as práticas pedagógicas podem ou não promover uma verdadeira aproximação humana. Ensinar e aprender apontam para o concreto, considerando o contexto no qual o educando se insere, ampliando seus horizontes, ou seja, levando-o a reconhecer o que é pertencente ao seu ambiente cultural e o que é externo, construindo sua identidade, encontrando caminhos para preservar a cultura local, ao mesmo tempo em que conecta-se ao mundo global.

A idéia de realizar um trabalho voltado às práticas educativas, surgiu da preocupação que tenho como educadora com a aprendizagem dos alunos da escola onde trabalho, pois nota-se um desinteresse dos mesmos em relação a construção e a busca de novos conhecimentos, em engajar-se nessa

nova sociedade, onde cada vez mais exige-se cidadãos autônomos, capazes de atuar com competência e dignidade no exercício de seus direitos e deveres.

Para isto, buscou-se analisar como se apresentam as práticas educativas nas quintas séries (5<sup>as</sup>) das Escolas Estaduais Rurais de Caçapava do Sul, para verificar se as mesmas vivem situações semelhantes; se estas práticas atendem às reais necessidades e interesses dos alunos; identificar as dificuldades encontradas pelos professores urbanos, em desenvolver um currículo direcionado ao meio rural e; como as escolas estaduais rurais estão desenvolvendo sua prática, a fim de integrarem-se a sociedade da informação, do conhecimento.

As escolas pesquisadas foram em número de sete todas localizadas na zona rural, atendendo de 1<sup>a</sup> a 5<sup>a</sup> série, exceto uma que atende Ensino Fundamental Completo. Estabeleceu-se contato com diferentes realidades das escolas, com suas práticas educativas, as dificuldades e êxitos, proporcionados pelos desafios que nascem do compromisso de educar, respeitando-se as diferenças e, principalmente procurando caminhos para desenvolver uma educação de qualidade que forme cidadãos com autonomia.

Para isto organizamos um referencial teórico através de tópicos como: PRÁTICAS EDUCATIVAS, A educação Construindo a Cidadania, O Ato de Ensinar, A Necessidade do Planejamento, O Educador e a Prática Pedagógica, O Educador e a Escola Ideal e O INTEGRAR NO ENSINO APRENDIZAGEM, A Integração como Fator de Aprendizagem e a Renovação do Fazer Escolar.

Também existe uma preocupação em função da reprovação destes alunos, quando se seu ingresso na sexta série na zona urbana.

## **2. PRÁTICAS EDUCATIVAS**

### **2.1 A Educação Construindo a Cidadania**

Cada criança, mesmo em locais com pouca infra-estrutura e condições sócio-econômicas desfavoráveis, deve ter acesso aos conhecimentos necessários para o exercício da cidadania. Se existem diferenças sociais e culturais que determinam diferentes necessidades de aprendizagem, existe também aquilo que é comum a todos: o direito de aprender, e esse direito deve ser assegurado.

A sociedade brasileira é formada por diversas camadas sociais, cada uma com características próprias, anseios, necessidades de, como qualquer pessoa, tornar-se melhor e ser mais feliz.

Considerando que é preciso traçar objetivos e perseguí-los, para que as necessidades sejam sanadas, os objetivos alcançados e assim a situação da sociedade melhorada, indica-se a educação, com a certeza de despertar consciências, disposições e forças.

Mas, para isso, é preciso pensar em mecanismos e procedimentos que, adequados ao homem e às circunstâncias, possibilitem a reinvenção da escola para a renovação da vida , para a transformação social. Para que haja uma educação adequada, tem que considerar seus elementos, de importância fundamental: o aluno, a escola, o currículo e o professor. É preciso que todos os alunos tenham suas próprias características, seu ritmo, sua história de vida que serão utilizados na construção de seus conhecimentos.

Os alunos muitas vezes se acomodam, se conformam com sua situação ou então revoltam-se, tornam-se agressivos, quase sempre sem condições de vislumbrar perspectivas presentes ou futuras de melhorar sua situação.

A idéia de escola, associam-se noções fundamentais sobre o currículo, o qual precisa aproximar-se ao máximo do contexto da escola, sem deixar de envolver-se com a sociedade como um todo. As mudanças na escola exigem uma profunda revisão na maneira de ensinar e aprender, de construir, refletir e interagir.

Há necessidade, conforme destaca Morais:

[...] de não apenas mudarem-se rótulos ou pintar a fachada da escola, mas buscar, efetivamente referencial teórico, para a educação, que possibilite conciliar os acontecimentos acelerados do mundo da Ciência, os avanços científicos e a necessidade premente da construção e da reconstrução do homem e do mundo (1996, p.26).

Para que mudanças ocorram, os educadores têm que repensar sua prática educativa, buscando a formação de um cidadão, analítico, reflexivo, crítico, flexível, capaz de viver e conviver, desenvolver-se, participar, continuar aprendendo, interagir e ser feliz, num mundo em permanente mudanças. Um

cidadão com potencial cognitivo ampliado, versátil, capaz de passar com sucesso pelos amplos e diversos caminhos da sociedade do conhecimento.

A prática do professor, mesmo de forma inconsciente, sempre pressupõe uma concepção de ensino e aprendizagem que determina sua compreensão dos papéis de professor e aluno, da metodologia, da função social da escola e dos conteúdos a serem trabalhados. A discussão dessas questões é importante para que fiquem claros os pressupostos pedagógicos que subjazem à atividade de ensino na busca de coerência entre o que se pensa estar fazendo e o que realmente se faz. Tais práticas se constituem a partir das concepções educativas e metodologias de ensino que permearam a formação educacional e o percurso profissional do professor.

A construção de aprendizagens significativas ocorre quando o trabalho didático-pedagógico é feito com adequação às características e necessidades dos educandos. Assim, a escola estará cumprindo sua função social e atendendo as expectativas dos envolvidos no processo educativo.

O projeto educacional exige novos significados ao ensino-aprendizagem, preservando o desejo de conhecer e de saber com que todas as crianças chegam à escola, garantindo experiências de sucesso, sem omitir ou disfarçar o fracasso. Para tanto, são necessárias propostas e intervenções pedagógicas adequadas. O professor deve ter propostas claras e situações de aprendizagens bem planejadas, capazes de, como diria Hegel: *“fazer lembrar de trazer às luzes, respeitando as etapas de desenvolvimento da consciência”* (1996,p. 17).

Todas as reflexões sobre o fenômeno educativo apontam para a relação homem – sociedade, considerando-o em todas as suas dimensões

existenciais. Dessa forma, a práxis social se tornará enriquecedora, a medida que o ser humano, livre, flexível, reflexivo, consciente e atuante, se torne capaz de incorporar-se ao processo social, conservando sua própria personalidade, enriquecendo-se com os desafios que lhe são impostos, sentindo-se respeitado e valorizado.

Segundo Arent:

[...] os alunos de hoje serão os cidadãos desse mundo novo onde competitividade e cidadania, eficiência e solidariedade terão que conviver. O futuro é rico de possibilidades e cenários alternativos. Ele não está dado, terá de ser construído, com muito trabalho [...]. Reafirmamos nossa crença na escola de boa qualidade para todos (1997, p.56).

Cabe à Educação, possibilitar o desenvolvimento da capacidade crítica, de criatividade, de participação consciente, para que, integrando-se na comunidade de maneira atuante e produtiva, os homens tornem-se líderes positivos e autênticos cidadãos.

## **2.2 O Ato de Ensinar**

No campo da educação e da formação dos professores os procedimentos de análise das práticas talvez sejam as que mais se aproximem da realidade do trabalho dos professores. Centrando-se na ação frente a situações profissionais complexas e singulares, involuntariamente elas desnudam a realidade das competências dos professores, deixando de lado banalidades.

Ninguém duvida de que, para ensinar, é preciso dominar os *saberes a ensinar*. Ensinar até o ponto do entendimento. Essa é a questão mais

importante. Os professores devem dominar os saberes a ensinar em seu estado *nativo*, no mais alto nível, integrando as últimas aquisições da pesquisa, ou podem limitar seu domínio a uma versão menos exigente, já transposta para o âmbito do ensino, tal qual figura nos programas e manuais de entendimento.

#### Segundo Fusari :

Ensinar suscita ainda mais controvérsias: para ensinar, deve-se dominar outros saberes além daqueles que serão ensinados? Alguns pensam que basta completar os saberes eruditos por meio de uma certa familiaridade com os programas e os meios de ensino. Eles desconhecem ou consideram inúteis os saberes eruditos provenientes da pesquisa no âmbito da didática ou das ciências da educação(2002, p.51) .

Considerando que ensinar exige do educador conhecimentos variados sobre determinados assuntos, requer habilidades específicas os quais podem proporcionar ao docente mais segurança e desempenho profissional, mobilizando um talento que não se deve tanto à formação, mas também a personalidade e inteligência do professor .

Com vistas ao assunto focado, o mesmo autor considera que a formação dos professores ganharia muito se passasse pelo domínio dos saberes enraizados nas ciências humanas e sociais, não só na didática das disciplinas, mas também na psicologia da aprendizagem, na abordagem psicanalítica e psicossociológica das relações educativas e dos grupos, na sociologia, na antropologia e na história da educação.

Considerando o ser como tal, os saberes e conhecimentos são representações organizadas do real, que utilizam conceitos ou imagens mentais para descrever e, eventualmente, explicar, às vezes antecipar ou controlar, de maneira mais ou menos formalizada e estruturada, fenômenos,

estados, processos, mecanismos observados na realidade ou inferidos a partir da observação. Alguns saberes parecem mais descritivos, outros mais explicativos, porém até mesmo a informação mais elementar é construída e mobiliza conceitos e teorias implícitas. Por outro lado, a teoria mais abstrata diz algo sobre o estado do mundo, pelo menos do mundo tal como ele é percebido por aquele que a professa.

#### Segundo Enricone :

Um conhecimento de origem privada e inefável pode tornar-se compartilhado e formulado, passando por estados intermediários; um conhecimento isolado pode integrar-se a um conjunto mais amplo; um elemento de uma teoria pode destacar-se de seu contexto e viver sua própria vida. Já não é possível delimitar claramente os saberes instituídos, públicos, separados de seus produtores e de seus usuários, e os conhecimentos subjetivos, provenientes do pensamento privado (1988, p.73).

Assim, a cultura não tem a forma daqueles que a pensam, embora às vezes ela ultrapasse algum deles. Em suma, as representações não comportam classificações simples, pois dependem de nossas relações com o mundo, matizadas e mutantes, desigualmente compartilhadas, desigualmente instituídas.

Do ponto de vista sociológico, não há nenhuma razão para dar um *status* de exceção aos saberes científicos, nem mesmo aos saberes eruditos. Sem dúvida, é importante clarificar o *status*, as fontes, o modo de construção, de enunciação, de validação dos conhecimentos e dos saberes, bem como analisar sua legitimidade em um grupo social.

Portanto o ensinar não é tarefa simples, pois para se efetivar satisfatoriamente necessita de várias habilidades, aos quais exigem muito conhecimento e uma boa disponibilidade em querer mudar a situação atual.

### 2.3 A Necessidade do Planejamento

Os aspectos relacionados com o ensino–aprendizagem estão embasados no ato de planejar, no ato decisório político, científico e técnico. O Projeto Político Pedagógico da instituição escolar dependerá da perspectiva de currículo da escola, e, de ambos dependerá o planejamento de ensino, porque esse ato é um ato decisório da maior importância e efetivado dentro de um projeto coletivo institucional. Daí a necessidade de executar o planejamento em forma de construção do conhecimento, visando os resultados esperados, não só pela realização do processo planejado, mas também por meio das atividades a partir de decisões tomadas em decorrência de avaliações. O planejamento define os resultados e os meios a serem atingidos; a execução constrói os resultados; e a avaliação serve de instrumento de verificação dos resultados planejados.

#### De acordo com Demo

Ao considerar conhecimento e aprendizagem como forças nucleadoras do currículo, cabe a escola entender que esses dois aspectos podem contribuir para a construção da cidadania, mas sem dúvida revestindo–se de características técnicas, frutificam com facilidade no campo da competitividade e da concorrência, não no da cidadania solidária, favorecendo mais uma vez, a exclusão e a injustiça social (1996, p.12).

Uma condição essencial da ação é a de que sempre é pessoal e definidora da condição humana: vai ligada a um eu que se projeta e que se expressa por meio dela ao educar.

De acordo com Martins (1994,p.95) *“ser humano tem uma condição fundamental; o ser é a causa de seu comportamento, o princípio e a gênese de suas ações”*. Nessa condição está a base de sua responsabilidade. A ação

apela ao sujeito em sua totalidade e sem este não se pode dizer que o agir é condição do ser humano – “*pois uma vida sem ação deixou de ser vida humana*”, diz Arendt (1993,p.28), assim, pois, tudo o que em educação se relacione com as ações humanas levará o selo da *expressividade* da pessoa que age.

Planejamento e avaliação são elementos imprescindíveis no processo educativo, caracteriza-se a avaliação como ato subsidiário do processo de construção de resultados satisfatórios, tanto em atos simples como nos complexos.

Esta consideração lembra-nos que, as ações educativas são ações empreendidas por seres humanos, no que a educação tem de fenômeno especificamente humano, sobre ou com seres humanos e, à margem do que são uns e outros, não se pode entender os processos que constituem suas atividades. A educação está revestida inexoravelmente, da condição humana, se aproveita dela, afeta a mesma, é constituída por ela. Paralelamente, pode-se argumentar que os professores se expressam como pessoas em suas ações, mostrando-se como sujeitos, que graças a essas mesmas ações vão-se constituindo como docentes. O envolvimento pessoal na ação educativa é uma característica da prática com as possibilidades e os riscos que daí decorrem. Estas são afirmações elementares que têm conseqüências decisivas na hora de revelar e caracterizar a condição da prática educativa.

Em educação, não podemos falar de condutas cuja objetividade possa ser observada à margem dos atores que as desenvolvam, porque, a rigor, não se trata de condutas que respondem a estímulos, mas de ações de sujeitos com biografia e história pessoal e coletiva.

Partindo da idéia de que a educação não basta para dar ao homem um destino garantido, devemos entender como um processo, entendido e desenvolvido a partir de uma visão total de homem e de mundo, no qual ele está inserido como um ser que tem uma trajetória a vencer. Mas, para que tenhamos esta visão total, necessário se faz entender o homem em todas as suas dimensões pessoais, para ajudar a escolher os seus melhores caminhos, ou o seu melhor destino.

Planejar não implica em ver as coisas de uma determinada e única maneira. A mesma realidade, sobre a qual se está agindo, pode ser enxergada de diferentes modos. E a variação não vem de se estar planejando ou não, mas da posição de cada um dentro dessa realidade e frente a ela (FERREIRA, 1992, p.13).

Visto isso, é necessário um planejamento que dimensione o processo educativo e reconstrutivo do homem, que vise planejar a ação educativa para que o homem viva o presente, e, ao mesmo tempo, se projete para o futuro, que está cada vez mais próximo. Ainda é necessário planejar o processo educativo para que o homem, submergido na problemática existencial, se lance na vida em busca do seu viver, para que encontre um sentido de vida e solução para seus problemas. O homem, através da ação educativa visa superar os obstáculos da própria existência, de modo consciente e comprometido com o agir e o viver. Tal planejamento pode possibilitar que ele próprio determine os seus destinos vivenciais.

Todavia, é necessário planejar o processo educativo para que o homem não se limite, mas se liberte, numa perspectiva dinâmica de ser para a vida. Deste modo, planejar não significa determinar os limites do homem circundando-o num viver estabelecido.

Planejar o processo educativo é planejar o indefinido, porque a educação não é um processo, cujos resultados podem ser totalmente pré-definidos, determinados ou pré-escolhidos, como se fossem produtos decorrentes de uma ação puramente mecânica e impensável. Assim, o planejamento educativo não significa estabelecer o definitivo, através da determinação de finalidades educativas, as quais, por sua natureza, absolutizam os valores que o homem deve aceitar, sem possibilitar a própria escolha e a criação de novos valores.

Partindo da idéia de que a educação é um processo que deve libertar, conscientizar e compromissar a pessoa diante do seu mundo, ajudando a pessoa do educando a ser sujeito da sua ação educativa, não podemos, através de um planejamento educacional, fazer com que os sistemas educacionais mantenham as estruturas tradicionais em uma exclusiva direção, impedindo a pessoa de desenvolver sua originalidade e sua responsabilidade individual e social. O planejamento é um ato pessoal, original e participativo, voltado dos interesses e necessidades do grupo com o qual vai ser trabalhado e, dentro deste enfoque.

Segundo Veiga:

Planejamento não é uma panacéia miraculosa para a educação e para o ensino, que sofrem muitos males; não é uma fórmula mágica para todos os problemas; não é, também, uma conspiração para suprimir as liberdades dos professores, administradores e estudantes, nem um meio para grupos decidirem sobre objetivos e prioridades da educação e do ensino (1995, p.43).

O planejamento não é um ditador de normas e de esquemas rígidos e inflexíveis, que podem e devem ser aplicados universalmente em todas as situações e lugares. Não é um delimitador de idéias, desejos e aspirações das

mais diversas tendências sociais, políticas, econômicas e religiosas. O planejamento é democrático e desencadeador de invocações; por isso, é um processo que evolui, que avança e não permanece estático.

A educação, como processo de transformação e de aperfeiçoamento da cultura e do viver humano, por exigência da sua própria essência, é uma visão que se projeta além do momento presente. Ela não se limita e não tem por objetivo apenas conhecer e analisar o presente, ela tende a pensar no futuro, a buscar novos horizontes e novas perspectivas para o homem.

Sendo assim, o planejamento educacional não pode ser confundido ou interpretado como se fosse uma planificação das atividades de ensino ou das atividades didáticas de uma escola. Pois a planificação de atividades escolares, no dizer de Ferreira (1992), são técnicas de trabalho usadas pela escola e pelos professores, não constituindo, propriamente, o planejamento educacional. Dessa forma, os planos elaborados pela escola e pelos professores não podem ser estruturados sem uma inter-relação com o planejamento educacional. O planejamento escolar não deve negar o valor e a necessidade do planejamento educacional, um não deve limitar e excluir a necessidade do outro.

Será alienação do especialista (ou professor) concentrar toda a sua atenção no planejamento escolar, esquecendo-se que esta técnica de previsão do professor ou da escola, para os seus respectivos programas de trabalho, não pode excluir o estudo do planejamento global do fato educativo, dentro do qual serão considerados também a ação docente e as questões de administração escolar. (FERREIRA, 1992, p. 21).

O planejamento serve como elemento estratégico para a ação docente, que se caracteriza pela organização daquilo que se pretende

alcançar ao máximo possível de sucesso, selecionando cuidadosamente as atividades e os objetivos a serem alcançados no trabalho educativo. Sendo então, ele quem orienta os caminhos a serem percorridos na parte pedagógica.

## **2.4 O Educador e a Prática Pedagógica**

Persegue-se hoje, dentro da busca do conhecimento no ensino-aprendizagem, a integração, a parceria e o bom desempenho do educador, no fazer e aprender da escola. Assim, dentro desse princípio político e social, importante na atividade educativa escolar, haverá mudanças da consciência social sobre a educação. A assimilação da cultura desenvolve as capacidades cognoscitivas de cada um, bem como a capacidade de pensar coerentemente, observar seletivamente e analisar situações complexas. Para isto, se faz necessário produzir sínteses de diversos e variados elementos, aprender a conviver e a forma de hábitos, as experiências práticas com o mundo, a natureza e da vida.

Essa assimilação ativa dos conteúdos sócio-culturais, dentro da escola, se dá pelo processo de uma aprendizagem intencional espontânea e informal ou intencional, que deve ser ativa e inteligível.

Conforme Cunha:

A especificidade da ação pedagógica deve ser provida em função ao aluno concreto, e não em função do modelo do aluno produzido e padronizado pela escola burguesa, onde a caracterização do modelo de educando é definida a priori da situação didática específica (1998, p. 37).

Nesse sentido , por cultura do senso comum entende-se a cultura ingênua e fragmentada, cristalizada no desempenho do dia-a-dia, e, por cultura

elaborada compreende-se a cultura crítica, trabalhada e construída com fundamentos, sendo aquela cultura que tem por base saberes críticos sobre a vida assim como a ciência e a filosofia. O ensino sistemático tem por objetivo estabelecer condições para que o educando, adquira de forma sistemática, os conteúdos escolares e, esse ensino exige do educando um avanço em relação ao estágio de desenvolvimento em que ele se encontra.

Assim Martins (1994,p.58) afirma que *“o educador deve conscientizar-se de que a prática pedagógica se fundamenta nas dimensões humana e técnica, porém ocorre num meio com cultura específica, lida com pessoas pertencentes a classe sociais caracterizadas”*.

Assim sendo, os recursos metodológicos poderão ser executados com as mais variadas técnicas, importando a aproximação do educando, do conhecimento elaborado para que se dê uma assimilação receptiva através de métodos que possibilitam a independência e a formação de habilidades e hábitos, usando aprendizagem individual, grupal, de equipe, simulação, entre outras.

De acordo com Pereira:

A educação reflete a cultura de uma época que está impregnada de determinada visão de mundo do homem, da vida, mesmo que não se tenha consciência disso. A noção que temos do universo, sobre quem somos e qual nossa finalidade influencia profundamente como definição do que é educação, seus objetivos e sua ação do educador(2000, p.68).

As práticas se constituem a partir de concepções educativas e metodologias de ensino que permearam a formação docente e o percurso profissional do professor.

Neste sentido Rays (1999,p.79) afirma que: *“O método na ação pedagógica, é uma espécie de consciência crítica que prepara a ação e implica*

*em atitude contextualizada e particular do educador, antes, durante e depois de sua utilização em situações escolares específicas”.*

Somente enquanto prática social, politicamente engajada, que o educador delimita os objetivos, conteúdos, métodos e os transforma em vida para si e para seus educandos. Esse princípio político diz o mesmo autor que... *“estar interessado em que o educando aprenda e se desenvolva, individual e coletivamente”*, exige o comprometimento com os objetivos políticos da educação, assim como o exercício profissional docente com competência científica e tecnológica suficiente para transformar o objetivo político em resultados específicos.

Em sua prática diária o professor mostra e deixa fluir sua visão de mundo, suas ideologias e as teorias que embasam seu trabalho docente. Ela serve como um “espelho” que reflete o que realmente é, quer queiram ou não os educadores que pregam uma teoria e na prática demonstram outra bem diferente.

#### 2.4.1. O Educador e a Escola Ideal

No momento de mudanças profundas, rápidas, a educação se apresenta insuficiente, falha, superficial, incompleta, preparando mal o aluno para a sobrevivência e para um simples viver saudável. Continuamos insistindo numa visão de mundo ultrapassada, obsoleta, que não atende aos anseios dos alunos, ainda hoje nos deparamos, com professores que dão privilégio ao ensino tradicional concebendo o aluno como tábula rasa.

De acordo com Guterres (1982: p.55): *“A visão instrumentalista revela um aluno obviamente receptor e um professor que anda sob influência do tecnicismo e não percebe o nexos teoria e prática”.*

É fundamental, que “todos nós” estejamos atentos às reflexões, discussões sobre o currículo em ação nas escolas, pois ele é importante referencial para se entender as relações de poder, as abordagens epistemológicas assumidas, sobre as teorias e metodologias educacionais, enfim para quem se orientam os currículos. Surgiria, assim, a visão emergente de mundo e de pessoa que pudesse ser traduzida no desenvolvimento curricular da escola.

De acordo com Arent (1997, p.82):

O educador competente dentro da visão emergente necessita de preparo técnico, de domínio de conteúdo, necessita também de orientação que o leve a uma visão não fragmentada da realidade, uma visão integradora dos vários ramos e abordagens da ciência.

O Educador deve cultivar a interdisciplinaridade envolvendo as diversas áreas do conhecimento, elas não devem ser vistas como excludentes, mas procurar a relação e a contribuição de cada abordagem.

De acordo com as palavras de Cunha (1998:p.91) *“Essa capacidade de última instância é que faz o educador prover de uma ação pedagógica qualitativamente competente”*.

A competência político-pedagógica é uma das características principais do educador crítico. O professor hoje deve ser um profissional questionador, contagiante, orgulhoso daquilo que faz e principalmente aberto a mudanças. O educador necessita ter em mente que a educação é um processo que se desenvolve num tempo dinâmico e em um espaço que sofre transformações constantes.

Assim para Freire (1989, p.78) *“O educador já não é o que apenas educa, mas o que enquanto educa é educado, em diálogo com o educando que*

*ao ser educado também educa. Ambos assim se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos”.*

Juntamente com o educando, o educador desempenha um papel importantíssimo no processo educativo, pois é ele quem contribui para a formação do educando. No processo ensino–aprendizagem, que ocorre na escola, o professor deve despertar motivação mediante incentivos, ou seja, transformar o assunto a ser ensinado em necessidade pessoal do aluno.

Marques afirma:

O educador deve estar atento aos problemas da cultura e da ideologia ao selecionar os conteúdos, e se está realmente preocupado em realizar uma práxis pedagógica libertadora, dará o devido valor à cultura popular e fará a devida crítica à cultura e ideologia burguesa. É no fazer pedagógico, no convívio e na busca, nas salas de aula, que a educação há de acontecer como fenômeno complexo, vivo, histórico e conjuntural (1990, p.18).

O professor deve ser um profissional competente, motivador, capaz de contagiar os alunos, aquele que está em busca constante e procura refletir sobre sua prática. A esse respeito Luckesi (1994) diz que o educador como sujeito direcionador da práxis pedagógica escolar deverá no seu trabalho docente, estar interessado em todos os elementos necessários para que o educando efetivamente aprenda e se desenvolva.

Sendo assim, o professor não deve medir esforços para que os alunos aprendam, deve buscar meios alternativos para que assim consigam uma aprendizagem significativa dentro da sua individualidade. É ainda referenciada em Luckesi que podemos afirmar que é através da prática que o professor desenvolve, no cotidiano da escola, em contato com os alunos concretos, a sua competência, porque incorpora a realidade datada historicamente. Ao educador cabe refletir periodicamente sobre a sua prática, realizando uma apreciação crítica, justa, equilibrada sobre o alcance e o poder

da ação educativa, uma ação pedagógica dialética, crítica e concreta que provoque o estabelecimento de relações com o conhecimento social e saber escolar.

O mesmo autor, sobre métodos e procedimentos de ensino, nos diz que é preciso agir com critérios definidos e com prudência. Há necessidade de estudar os procedimentos e as atividades que possibilitarão, de melhor forma, fazer com que nossos alunos atinjam da melhor maneira possível o que estamos pretendendo ensinar. No cotidiano escolar ainda é muito comum os procedimentos serem selecionados sem critérios definidos criticamente, sem que se reflita claramente o sentido e o significado de cada um deles. Ser professor implica ter consciência, compreensão e conhecimento, numa perspectiva que se estabelece com a flexibilidade.

Cunha nos diz que:

A atitude pedagógica interessante é aquela que considera as pessoas situadas na instância escolar, professor e alunos, cada um na sua função de ensino; e aprender é aquilo que leva em conta a cultura a qual o estudante está situado, porque atenta para a educação enquanto elemento libertador (1998, p.73).

Nesse contexto, o professor deve ter a consciência que um bom relacionamento entre ele e o educando deve ser a base do planejamento de ensino e de todo o processo educativo.

O mesmo autor, ainda diz que: *“A maior contribuição isolada que a educação pode dar ao desenvolvimento de uma criança é ajudá-la a encaminhar-se para um campo onde seus talentos se adaptem melhor, onde ela será feliz e competente”*.

Destaca o autor, que essa é uma das qualidades, para ser um bom profissional em educação. Precisamos de professores “apaixonados”, com

necessidade visceral de educar, de facilitar o processo de crescimento do ser humano. Sendo assim, o educador deve estar em constante e permanente formação, para que acompanhe os avanços e aos novos modelos emergentes de educação.

De acordo com Pereira (2000,p.24): *“A formação docente, bem como a de qualquer outro profissional, não pode tão pouco se limitar às paredes de escola”.*

Para que todos esses avanços aconteçam, com certeza é preciso uma formação mais abrangente e continuada dos educadores, pois isso interferirá nas suas práticas pedagógicas (dos professores) que efetivamente não se preocuparão apenas em ensinar conteúdos informativos acabados e descontextualizados.

Assim, o crescimento do professor vai se materializando num processo de construção de uma identidade profissional, tornando-se ele gradativamente um agente transformador, preocupado em elaborar melhor o conteúdo a ensinar e o procedimento mais adequado, favorecendo a adaptação de cada momento que se cria em sala de aula.

### **3. INTEGRAR NO ENSINO – APRENDIZAGEM**

#### **3.1 A Integração como Fator de Aprendizagem**

A visão de currículo, associada a conteúdos, continua presente nas questões que se levanta com respeito à qualidade de ensino, pelo fato de que, para respondê-las, se pensa em mudanças e reformulações curriculares, tendo em vista estratégias mais adequadas ao processo de transmissão de conhecimento, passando a ser analisados como parte constitutiva dos saberes escolares. Dessa forma encaminha-se a formação de professores num horizonte interdisciplinar, de trabalho incessante de reconstrução e de comunicação mais profunda.

Como o visto, a interdisciplinaridade opõe-se ao ensino tradicional; inclui articulação do ensino com a realidade social, é modalidade inovadora de adequar essas atividades e as de pesquisa às necessidades sócio-profissionais, para maior aproximação da escola às demandas; preparar para a crítica e compreensão de múltiplas informações.

O termo interdisciplinaridade, visto por Souza (apud Barbosa, 1992), supõe alargamento de fronteiras e contextos, exploração de espaços intermediários. Historicamente seu aprofundamento deslocou-se da idéia da totalidade para a de inter-relacionamento do conhecimento e, mais modernamente, para a de integração entre a razão e a emoção, teoria e prática, pessoa e mundo, conhecimento do fato e experiência. Desta

forma, a interdisciplinaridade abrange um contexto mais amplo que o simples diálogo em e entre disciplinas. Sua função primordial é desenvolver processos de pensamentos que possibilitam avanço qualitativo, pressupõe relação de reciprocidade e mutualidade, atitude de abertura e de engajamento; é feita de curiosidade e de sentido de aventura; pressupõe intersubjetividade (FAZENDA, 1991, p.36).

Vê-se aí, algumas condições essenciais ao sucesso interdisciplinar: reconhecimento claro dos objetivos do trabalho, alto grau de interesse, competência e segurança do conhecimento, gosto pela aventura cognitiva, fatos criados pela capacidade intelectual e real de cada indivíduo, a partir do momento de sentir-se à vontade no desconhecido e no não-familiar, conhecimento interpretativo das outras disciplinas ou áreas envolvidas e de seus contextos.

A crescente mobilização em torno da questão, nas iniciativas interdisciplinares correm o risco de incluir opressão e fadiga quando não bem conduzidas no processo de sensibilização; é preciso transmitir segurança para evitar e romper bloqueios. “O caráter impositivo negaria a possibilidade do diálogo que é condição básica para a efetivação da interdisciplinaridade” (SOUZA, apud GUSDORF, 1987, p.38).

Trabalhar interdisciplinaridade é trabalhar com e por meio das pessoas. Fazer da organização um lugar agradável auxilia as pessoas para que encarem com entusiasmo novas oportunidades. Por isso, a formação de professores implica esforço conjunto não sendo possível apresentar-se desconectada dos princípios da interdisciplinaridade; prevê a inserção como ser pensante e participante, “capaz de reinventar a prática, de construção de atitude filosófica coerente e de prontidão para cooperar com discernimento e solidariedade” (PINTO,1992,p.34).

A formação do educador deve visar, de maneira que o mesmo tenha condições de assumir a profissão com consciência crítica e responsabilidade para atuar também de forma crítica e eficiente dentro da realidade, e dentre os objetivos a que a escola se propõe junto à comunidade escolar. Nesse tópico é necessário refletir sobre a necessidade de redimensionar o processo participativo na escola, como elemento fundamental para democracia.

Traz-se na bagagem orientada, a escola como espaço no qual precisa acontecer o desenvolvimento de habilidades, potencialidades e produção de conhecimentos e, principalmente a escola pública, por carregar dentro de si o espírito do coletivo, do social, do popular. E por isso a falta de iniciativa no interior da escola, com a finalidade de estimular a participação, e o pouco contato e envolvimento do pessoal da escola na comunidade fortalecem a tese daqueles que afirmam que a comunidade não participa da vida escolar. Por outro lado, como a escola não compartilha dos problemas da comunidade, esta se acha no direito de negar sua participação nas atividades da mesma.

Dentro desta realidade, busca-se a integração, em um trabalho em parceria, escola, comunidade, onde pais, alunos, funcionários e comunidade se veiculam para um mesmo objetivo, a educação integral para as crianças desta ou daquela comunidade, onde em conjunto se pode criar, recriar, dimensionar, moldar, desenvolver a cidadania, o respeito, os valores, hábitos e atitudes.

Hoje, no aspecto pedagógico a escola necessita, também adequar-se a necessidade da inclusão no contexto escolar. Além do artigo 205 da Constituição, “a educação, como direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade(...)”, e

artigo 208, inciso III onde prevê “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”; e por último num reforço marcante, a Lei Nº 7.853 dispõe sobre o apoio aos deficientes e sua integração social, definindo o preconceito como crime. Nesse sentido, nenhuma escola pode recusar, sem justa causa, o acesso do deficiente à instituição, sendo a pena aos infratores de um a quatro anos de prisão, além de multa (MAGISTÉRIO, 2000 p.56).

Por Educação Inclusiva compreende-se o processo, onde o aluno é incorporado naturalmente, nas classes de ensino regular, tendo como objetivo maior produção de uma educação de excelência para todos os sujeitos da escola. Mais do que um fim em si mesmo, ela é um processo altamente sofisticado ao portador de necessidades especiais e ao aluno comum.

Portanto, inclusão nada mais é do que:

- atender aos alunos portadores de necessidades especiais e de distúrbios de aprendizagem na vizinhança da sua residência;
- propiciar a ampliação do acesso destes alunos às classes comuns;
- propiciar aos professores da classe comum um suporte técnico;
- perceber que as crianças podem aprender juntas, embora tendo objetivos e processos individuais diferentes;
- levar os professores a estabelecerem formas criativas de atuação com as crianças portadoras de deficiências;
- propiciar um atendimento integrado ao professor de classe comum.

Baseado nesses pressupostos, vê-se que uma ação educativa comprometida com a cidadania e com a formação de uma sociedade democrática e não excludente deve, necessariamente, promover o convívio com a diversidade, que é a marca da vida social . Essa diversidade inclui não somente as diversas culturas, os hábitos, os costumes, mas também, as competências, as particularidades de cada um. Aprender a aprender a conviver e relacionar-se com as pessoas que possuem habilidades e competências diferentes, que possuem expressões culturais e marcas sociais próprias, é condição necessária para o desenvolvimento de valores éticos, como a dignidade do ser humano, o respeito ao outro, a igualdade, a equidade e a solidariedade.

### **3.2 A Renovação do Fazer Escolar**

Muitas vezes pensamos que a melhor forma de contribuir para analisar e transformar o processo de ensino e aprendizagem seria descobrir uma fórmula ou prática educativa que acabasse com o desinteresse, a falta de concentração, as dificuldades de aprendizagem, a evasão escolar e outros temas constantemente citados que são a preocupação dos educadores. A idéia é valorizar o que é possível, fazer e descobrir pistas que ajudem a modificar a prática pedagógica com vistas a um rendimento mais proveitosos ao aluno na aprendizagem.

Segundo Morais (1996,p.84), “a renovação da prática educativa exige clareza de alguns aspectos relativos ao comportamento dos educadores e de certas condições de trabalho na escola que devem ser preenchidas”. No

entanto percebe-se que muitos educadores continuam apenas transmitindo conhecimento para seus alunos, sem levar em consideração a realidade cultural, social e política da nossa sociedade.

O educador deveria incorporar as experiências dos alunos às atividades educacionais, dando as mesmas mais significado a ao mesmo tempo maior rendimento na aprendizagem, estando sempre atento as manifestações da turma e pronto a mudar se a prática escolhida não está levando a resultados satisfatórios. No entanto, é preciso continuar desenvolvendo políticas de valorização dos professores, visando a melhoria das condições de trabalho e de salário, assim como é igualmente importante investir na sua qualificação, capacitando-os para que possam oferecer um ensino de qualidade, ou seja, um ensino mais relevante e significativo para os alunos.

Talvez, o grande desafio das escolas que preparam os educadores seja o de acompanhar o trabalhar com alunos de classes sociais diferenciadas, e prepará-los para incorporar no processo educativo a experiência de vida e de conhecimento que qualquer aluno traz para a escola. A prática educativa nas séries iniciais é bastante complexa, pois o contexto da sala de aula traz questões de ordem efetiva, emocional, cognitiva, física e de relação pessoal; então os profissionais de educação devem considerar esses tópicos no momento em que planejam suas atividades, para não se frustrarem ao colocá-las em prática. É preciso criar uma cultura que favoreça e estimule o acesso dos professores a atividades culturais, como exposições, cursos, congressos, fóruns, como meio de interação social e atualização.

Para que o professor redimensione sua prática, formando indivíduos autônomos e críticos é imprescindível um planejamento com cuidado, pois o imprevisto não define claramente os objetivos que se quer atingir, mas a complexidade dos processos educativos faz com que dificilmente se possa prever com antecedência o que acontecerá na aula, por isso recomenda-se uma proposta de intervenção suficientemente elaborada e, por outro lado, ao mesmo tempo uma aplicação totalmente livre de rigidez, o que não significa improvisação, porém um leque amplo de atividades que ajudam a resolver diferentes problemas que a prática educativa coloca.

Para Zabala:

O planejamento tem que ser suficientemente diversificado para incluir atividades e momentos de observação do processo que os alunos seguem. É preciso propor aos alunos exercícios e atividades que ofereçam o maior número de produções e condutas para que sejam processadas, a fim de que oportunizem todo tipo de dados sobre as ações a empreender (1998, p.93.).

Isto significa usar de uma referência metodológica aberta à participação do aluno para conhecer o processo que cada um segue, procurando um planejamento estruturado de atividades que atendam as necessidades individuais e do grupo. É importante um planejamento flexível para poder se adaptar às diferentes situações da aula que deve levar em conta as contribuições dos alunos, tomando decisões, entendendo o porquê das tarefas propostas e responsabilizando-se pelo processo autônomo de construção de conhecimento, quer dizer, um planejamento que permita incluir modificações e adaptações através das manifestações e produções dos alunos, seu acompanhamento constante e a avaliação continuada do seu processo.

Pode-se afirmar que hoje muitos educadores estão planejando de forma interdisciplinar e utilizando-se da interdisciplinaridade em sala de aula; esta prática educativa vem sendo compreendida como uma forma de trabalhar, onde se propões um único tema para ser abordado em diferentes disciplinas, ou seja, o que é comum entre dois ou mais componentes curriculares.

Quando o professor propõe uma atividade nesta modalidade aos alunos deve ter claro o objetivo que quer alcançar. Cada conteúdo tem suas características, suas especificações. Saber onde se quer chegar, o que quer que os alunos aprendam, quais as necessidades, faz parte da organização de um projeto.

De acordo com Werneck:

[...] ter uma atitude interdisciplinar, portanto, é ter uma mudança de concepção de ensino por quem vem quebrar uma estrutura de ensino secular, fundamentada no isolamento das disciplinas, que orientava o papel do professor como se cada matéria não tivesse relação com as outras (2000, p. 182).

Mesmo que a natureza do conhecimento humano seja interdisciplinar, o processo de aprendizagem deve preservar a individualidade de cada disciplina, garantindo a especificidade que é sua característica. Deve-se observar quando um determinado conteúdo sugerir aproximação através de duas ou mais disciplinas; esta integração deve ocorrer sem que se perca a essência particular de cada disciplina como garantia de maior qualidade do aprendizado.

Desta forma os alunos vão estabelecer relações com os conteúdos, para uma melhor compreensão do assunto ou tema em questão, de maneira global. Este processo requer inovação, pois aparece como um princípio novo

de reorganização das disciplinas e mudanças das estruturas pedagógicas, ou seja, capaz de formar uma nova pedagogia. Sente-se que nos dias atuais, por meio da interligação das disciplinas pode-se aprofundar em reflexões e assim compreender a prática docente, visando a transformação.

Por se tratar de uma inovação o “interdisciplinar” provoca medo e recusa por parte de muitos educadores. Faz-se necessário um entendimento sobre este conceito, o papel da linguagem, da identidade e construção do novo. Necessita-se de coragem para vencer o velho, a fragmentação de conteúdos. Um “Projeto Interdisciplinar” de trabalho ou ensino consegue detectar as necessidades entre pessoas e pessoas e coisas. Nele não se ensina, nem se aprende: vive-se, pratica-se.

Logo, a interdisciplinaridade pode ser compreendida como sendo uma troca de reciprocidade entre as áreas do conhecimento. Enquanto prática pedagógica, entende-se a ação de forma interdisciplinar ao construir coletivamente o saber, ao buscar juntos o novo, o risco, a descoberta, o diálogo, a troca, o conhecer deixando que cada um assuma a sua prática dentro dos seus limites. E o Projeto Interdisciplinar é uma atividade previamente determinada, é um caminho de “ação” na prática pedagógica beneficiando desta forma a aprendizagem.

Segundo Piaget, apud Misukami),2000, p.78), *“não existe um modelo pedagógico, o que existe é uma teoria de conhecimentos, de desenvolvimento humano que traz implicações para o ensino”*. Uma das implicações fundamentais é a que a inteligência se constrói a partir da troca do organismo com o meio, por meio das ações do indivíduo. Cabe ao educador repensar sua prática pedagógica, inovando sempre que se fizer necessário, planejando

situações instigadoras, e os métodos pedagógicos sejam coerentes com o desenvolvimento da inteligência e não com a idade cronológica dos indivíduos.

Para uma prática inovadora é preciso também melhorar as condições físicas das escolas, dotando-as de recursos didáticos e ampliando as possibilidades de uso das tecnologias da comunicação e da informação. Todo o material é fonte de informação, mas nenhum deve ser utilizado com exclusividade. É importante haver diversidade de materiais para que os conteúdos possam ser tratados de maneira mais ampla possível.

O material de ensino deve se prestar a todas as possíveis combinações e realizações, sempre adequados a cada fase. Piaget apud Misukami,2000,p.81), afirma: *“padronizando material ninguém ousa experimentar mudá-lo”*. E, no entanto a coisa realmente importante para a criança é construir seu próprio material. Cada vez mais a participação do aluno nas atividades propiciará maior interesse, comprometimento, realização e construção do seu próprio objeto de aprendizagem.

Atualmente o livro didático é um material de forte influência na prática de ensino dos professores, porém devem ficar atentos à qualidade, a coerência e as eventuais restrições que apresentem em relação aos objetivos educacionais propostos. É importante considerar que o livro didático não deve ser o único material utilizado, pois a variedade de fontes de informação é que contribuirá para o aluno ter uma visão ampla do conhecimento. Muitos professores ainda continuam apegados ao livro didático reproduzindo tal qual, sem se preocupar com as diferenças regionais, aplicando palavras ou textos descontextualizados.

Além dos livros, jornais e revistas que já fazem parte da escola há muito tempo, existem “algumas novidades” eletrônicas que são estimulantes e contribuem de maneira prazerosa na aprendizagem, mas que não podem ser vistos como meros instrumentos de informação de longo alcance, nem tão pouco como meios de exposição de serviços e produtos que colaboram na produção de uma determinada forma de pensar, perceber, sentir e agir sobre o mundo, isto é, nos indicam como devemos nos relacionar, como devemos ser e viver.

Segundo Costa:

As novas tecnologias de poder, desenvolvidas após a Segunda Guerra Mundial, previam a participação dos meios de comunicação de massa como aparelhos de controle e disseminação da ideologia dominante, ou seja, a ideologia de consumo (1997,p.14).

É comum observar os alunos utilizando gírias, valores e outras informações que a televisão proporciona. Compete a escola trabalhar outros significados a esses conhecimentos, discernindo o correto para ser aplicado em sua vida cotidiana, tornando-os críticos e não alienados frente a realidade social.

Esse fazer escolar como espaço social e político implica a reflexão sobre a pertinência e relevância histórica, contextualizada na prática educativa escolar. A função primordial da gestão da escola é garantir a contundência histórica da prática educativa e a integração do conjunto da prática pedagógica, sendo um exercício constrangedor, de um lado, e gratificante, de outro. De um lado, desafia nossos bríos e nos faz ferver em virulenta indignação diante das condições concretas das escolas brasileiras e diante dos resultados reais do trabalho escolar. De outro lado, as conquistas da humanidade em nossos dias,

os avanços do conhecimento humano sobre a aprendizagem e inteligência e as experiências concretas na educação brasileira, coordenadas por processos competentes de efetiva democratização que nos enchem de fundadas esperanças.

## **4. METODOLOGIA**

### **4.1 Descrição da Pesquisa**

Acreditando que na educação existem maneiras e meios para modificar a realidade existente, frente às novas tecnologias, a presente pesquisa constituiu um estudo descritivo, que segundo Bogdan e Biklen ( apud Good e Hatt,1968), é a coleta de dados descritivos, obtidos junto aos professores, diretores e alunos através das práticas educativas desenvolvidas nas quintas séries do Ensino Fundamental.

A pesquisa efetivou-se com professores, alunos e diretores de sete Escolas Estaduais de Ensino Fundamental da zona rural do Município de Caçapava do Sul – RS, lotadas na 13ª Coordenadoria Regional de Educação, com sede em Bagé distante 146 Km desta cidade.

Destas, uma possui Ensino Fundamental completo, onde a quinta série é atendida por um docente para cada componente curricular; as demais escolas, seis trabalham da 1ª a 5ª séries, sendo a 5ª série globalizada, conforme os Projetos Político–Pedagógico das mesmas.

Globalizada é expressão utilizada no Projeto Político Pedagógico das escolas rurais, conforme orientação recebida pela 13ª CRE.

Todavia, todas as sete escolas possuem a 5ª série, objeto do nosso estudo.

As referidas escolas localizam-se distante aproximadamente vinte (20) Km da sede do município, necessitando de transporte para alunos e professores.

Dos treze professores das quintas séries, das sete escolas pesquisadas, nove possuem graduação, dois pós-graduação e dois Habilitação Magistério em Nível Médio, estando assim distribuídos: Escola A ⇒ 07 professores, nas disciplinas de História, Geografia, Português, Matemática, Ciências, Ensino Religioso e Educação Física. Os Professores das Escolas B,C,D,E,F e G são únicos nas turmas, pois nas 5ªs séries dessas Escolas é feito um trabalho globalizado, onde a prática pedagógica dos docentes é realizada através de trabalhos individuais, coletivos e projetos interdisciplinares, buscando despertar nos educandos a curiosidade e a autonomia dando continuidade a aprendizagem, usando e desenvolvendo sua inteligência.

A amostra constitui-se de treze Professores, sete Diretores e todos os alunos das quintas séries, totalizando sessenta e oito alunos das sete escolas pesquisadas, onde todos responderam os questionários.

Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se o questionário para todos os indivíduos envolvidos na pesquisa, ou seja, professores, diretores, alunos.

Para os alunos, os tópicos referiram-se a:

⇒ gosto do aluno pela escola;

⇒ dificuldades encontradas, como estudante;

⇒ características positivas e negativas dos professores;  
⇒ sugestões de assuntos a serem abordados, direcionados ao meio rural.

Para os professores das quintas séries e para os diretores das escolas, questionou-se os seguintes itens:

⇒ forma de ingresso na Escola Rural;  
⇒ aspectos importantes na prática como professor e gestor;  
⇒ a prática pedagógica e a satisfação do professor;  
⇒ dificuldades encontradas;  
⇒ êxitos obtidos;  
⇒ currículo, sua relação com as expectativas dos alunos e o contexto em que a escola está inserida.

O processo desenvolveu-se nas instituições escolares em estudo, com o intuito de buscar uma nova visão no ensino-aprendizagem atual. Os dados foram colhidos através dos questionamentos, tendo como referência o seguinte problema: **Como se apresentam as práticas educativas nas quintas séries do Ensino Fundamental, das Escolas Estaduais da Zona Rural de Caçapava do Sul?**

Após lidas e analisadas as respostas, foi feito um relato, no qual salientou-se a importância dos participantes na pesquisa, divulgando suas opiniões em relação ao assunto em estudo.

Neste sentido, a coleta de dados mostrou a visão da direção, dos educadores e dos alunos, sobre a construção do conhecimento através de suas práticas pedagógicas.

## 5. RELATOS DOS DADOS OBTIDOS

### 5.1 As Práticas Pedagógicas das Escolas Estaduais Rurais, *na Visão dos Diretores*

5.1.1. Quanto ao ingresso na Escola Rural ⇒ constatou-se, que somente dois chegaram a docência por contrato, os outros cinco, chegaram através de nomeação por Concurso Público Estadual.

5.1.2. Aspectos importantes na prática como gestores ⇒ o que todos consideraram mais importante é o fazer pedagógico, para isso, acreditam que todos os outros setores devem estar funcionando bem, a fim de dar apoio necessário ao desenvolvimento pedagógico, bem como proporcionar o bem – estar de alunos, professores e funcionários da escola. Todos trabalhando felizes, a construção do conhecimento acontece.

Conforme Sacristán:

As normas de comportamento escolar não foram geradas como algo autônomo, ainda que a escola elabore seus próprios ritos, mas têm relação com valores sociais e com formas de defender o papel dos indivíduos nos processos sociais (1998, p.133).

O diretor da Escola “E” aponta na sua prática enquanto gestor, ser mais importante *“A valorização, pelos professores, da escola e do meio rural, buscando efetividade na cultura trazida pelos alunos”*.

Consideraram também, que a prática será bem mais real, se as autoridades incentivarem mais a fazer/acontecer das escola rurais; visto a necessidade do trabalho coletivo.

5.1.3. As dificuldades que se apresentam nas práticas pedagógicas da Escola Rural são: falta de apoio das autoridades; trabalho integrado nos diferentes setores da escola; falta de acesso à novas tecnologias; pouco tempo para encontros; falta de espaço físico; dificuldade em participar de atividades culturais onde os alunos tenham oportunidade de conhecer novas realidades.

Para superar as dificuldades, os diretores consideram que é preciso muito envolvimento no trabalho; aumentar a participação da comunidade escolar; atender alunos, na falta de professores; assumir atividades de servente, merendeira, decorrentes da falta de funcionários nos setores.

5.1.4. Em relação ao currículo  $\Rightarrow$  alguns entrevistados consideram que o currículo atende as expectativas dos educandos, porque os mesmos aprendem, sendo demonstrado na aprovação. Isto é referendado pelos diretores das escolas:

*“O Currículo atende a sua Escola em parte, nem sempre os alunos estão interessados”* (Diretor da escola A).

*“Sim, há uma procura de informações por parte dos professores, para trazerem o meio rural para a sua prática de sala de aula”* (Diretor da escola C).

*“O Currículo contempla em parte, pois procura-se estimular a fixação no meio rural, através da participação na horta, no jardim e distribuição de sementes” (Diretor da escola D).*

Segundo Sacristán, *“O currículo oculto das práticas escolares tem uma dimensão sócio-política inegável que se relaciona com as funções de socialização que a escola tem dentro da sociedade” (1998, p. 132).*

Alguns destes diretores indicam que o currículo não atende as expectativas, destacando o desinteresse dos alunos. Isto é demonstrado através das seguintes respostas:

*“Parece que os educandos estão sempre alheios a tudo que é apresentado, talvez porque o currículo não atenda as suas expectativas” (Diretor da escola G).*

*“ O Currículo não contempla, primeiro porque as políticas públicas não contemplam as escolas rurais, com projetos voltados para elas; segundo, porque ainda estamos presos a conteúdos” (Diretor da escola B).*

Quando os diretores das escolas indicam que o currículo da escola não está contemplando o contexto, justificam que, uma escola rural deve ter no mínimo uma horta, para que os alunos aprendam a plantar verduras para sua sobrevivência e da família; que a cultura rural é, em alguns casos desvalorizada pelos professores, onde o meio urbano é o mais valorizado, por acreditarem no acesso mais próximo as diferentes necessidades da comunidade escolar.

## **5.2. As Práticas Pedagógicas das Escolas Estaduais Rurais, *na Visão dos Professores***

5.2.1. Forma de Ingresso na Escola Rural ⇒ todos os treze, são professores nomeados, sete deles realizam um trabalho individual por série e seis destes realizam trabalho coletivo, fazendo em sua ação pedagógica atividades com mais de uma série juntas. Destacam como aspectos importantes na sua prática: troca de idéias, a integração dos alunos, o desenvolvimento do diálogo, destacando a importância da comunicação na comunidade escolar.

5.2.2. Quanto a satisfação dos professores em relação a sua prática educativa ⇒ a maioria não está satisfeita. Indicam a falta de preparação, de renovação, de material, como elementos necessários ao desenvolvimento de suas práticas, questionando a validade e importância do conhecimento que estão construindo, como educadores junto aos alunos.

Depoimentos dos professores ratificam esta insatisfação:

*“Não estou satisfeito, com a prática educativa porque a todo o momento surgem situações novas as quais temos que buscar formas de resolvê-las”* (Professor S).

Porém, o professor “M” foi categórico em salientar que está satisfeito com a prática educativa aplicada, apesar de achar que pode melhorar.

Enquanto a professora “V” disse que, *“Estou parcialmente satisfeita, pois sou única na escola e por isso não consigo dedicar-me exclusivamente a parte pedagógica do processo”*.

5.2.3. Quanto as dificuldades e êxitos encontrados pelos Professores na suas práticas pedagógicas na zona rural ⇒ As dificuldades citadas pelos professores foram: tempo para aperfeiçoamento em função do trabalho pedagógico desenvolvido, falta de uma cultura que valorize o estudo, falta de recursos financeiros para colocar alguns projetos em prática, maneiras de estimular os alunos para a melhoria do estudo, material insuficiente.

Já como êxito foi salientado a participação democrática dos alunos, até porque o aluno do interior tem muito apurada a consciência social; é mais responsável, talvez, em virtude do meio em que vive; escola organizada onde há diálogo, reflexão em função do ensinar–aprender ; há partilha dos saberes.

Como atividade de superação das dificuldades, salientaram: a busca de uma formação continuada; a pesquisa contínua objetivando respostas sobre uma ação pedagógica condizente com a realidade de cada localidade e necessidades do educando; aulas motivadoras busca a reflexão sobre os problemas surgidos em classe; novas tecnologias que propiciem a formação do aluno.

5.2.4. Quanto ao currículo ⇒ os professores destacam a importância da interação entre sujeitos que têm um mesmo objetivo e a opção por uma ação coletiva na construção social do conhecimento, pressuposto a sistematização dos meios para que este currículo se efetive.

Dentro deste contexto os professores das escolas estaduais rurais do município, consideram que o currículo atende parcialmente as expectativas dos educadores, porém sentem necessidade de um projeto coletivo e contínuo, de uma maior motivação e interesse do aluno.

Quanto a relação do currículo com o contexto escolar os professores acreditam que ainda há um caminho a ser percorrido porque consideram difícil decidir o que é relevante, o que é necessário. Justificam que são professores residentes na zona urbana, tendo dificuldade em integrar-se ao meio rural, para poder desenvolverem um trabalho contextualizado. Suas práticas revelam a necessidade de valorizar a cultura de quem mora no campo.

### **5.3. As Práticas Pedagógicas das Escolas Estaduais Rurais, *na Visão dos Alunos***

5.3.1. Importância da escola ⇒ Considerando que as relações de trabalho, no interior da escola com o aluno também deverão estar calcadas nas atividades de solidariedade, de reciprocidade e de participação coletiva; solicitou-se a opinião dos alunos em relação ao “gostar da escola”. As respostas afirmativas foram diversas, como: “porque ensina”, ou “porque aprendo”, “há futuro”; “há necessidade”; “oportuniza emprego”; “há chances”; “adquiro conhecimento”. Outros consideraram a escola “ruim” e outros não gostam da escola, preferem trabalhar.

5.3.2. Quanto as dificuldades ⇒ Os alunos apontaram: a “distância da Escola”, “acordar cedo”; “concentrar-se, entender a matéria e resolver as atividades”. Cinco (05) alunos disseram ter dificuldades “em tudo”, “na leitura”.

Bastante curioso é que um aluno falou “da dificuldade na comunicação com colegas, em virtude de ciúmes, querer ser mais que o outros, disputa de atenção do Professor”.

5.3.3. Características positivas de seus professores ⇒ os alunos citaram: ensinar bem, compreensão, calma, bom humor, bondade, alegria, inteligência, esforçado e traz novidades para os alunos.

Para BRANDEN (1998,p.12)

A auto-estima é fundamental para a saúde psicológica, nossas realizações e nossos relacionamentos. Ele introduz os seis pilares da auto-estima que na verdade são seis atitudes baseadas em nossas ações do cotidiano que criam a base do estabelecimento e da manutenção da auto-estima.

5.3.4. Características negativas de seus professores ⇒ os alunos consideram marcante “ ser gritona” e “não deixar conversar na hora da aula”.

5.3.5. Quanto as sugestões ⇒ os alunos apontaram: conhecimentos que gostariam de trabalhar em aula: agricultura, remédios caseiros, meio ambiente-polução, drogas, jogos, animais, informática, racismo, água, trânsito, educação física, música e vegetação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Frente as constantes mudanças que vêm ocorrendo na sociedade contemporânea, as novas tecnologias disponíveis, observa-se que a educação caminha a passos lentos, apesar do esforço dos educadores em criar novas possibilidades. Proporcionar que o encontro entre professor e aluno seja prazeroso, proporcionado pela riqueza de relações que daí estabelecem, a fim de juntos alcançar um objetivo maior. Para isto, faz-se necessário, criatividade e aprendizado permanente de todos os que estão envolvidos neste processo.

Acreditar nas possibilidades dos recursos humanos existentes na escola; despertar, valorizar e aproveitar suas potencialidades são condições essenciais para o bom desempenho administrativo-pedagógico e financeiro escolar. Compete, sobremaneira ao professor, estratégias diversificadas, desafiadoras e problematizadoras que agucem a curiosidade e o interesse de seus alunos.

A escola hoje está a caminho de um construir interdisciplinar, visto que esteja procurando a mudança de suas práticas pedagógicas, surgindo desta maneira a idéia do global ao invés do ensino fragmentado, a qual desperta interesse dos educandos, levando a uma mudança positiva de hábitos, atitudes e comportamentos.

Partindo do objetivo central do trabalho, de como se apresentam as práticas educativas nas quintas séries das escolas estaduais rurais de Caçapava do Sul, observa-se:

— que a maioria dos professores da escola, os de sala de aula assim como os diretores foram nomeados, o que de certa forma indica uma “segurança, estabilidade”;

— Tanto professores como diretores indicam o aluno como elemento indispensável e central no processo de aprendizagem;

— mesmo sendo profissionais oriundos da zona urbana, os professores assim como os diretores consideram imprescindível no contexto, a cultura rural no desenvolvimento de suas práticas pedagógicas;

— há interesse dos professores e diretores de melhorarem suas práticas, porém são cientes das carências do meio rural. Alguns estão satisfeitos, outros um pouco menos. Indicam como superação, o trabalho coletivo, solidário, compartilhado, contextualizado.

Esta preocupação com o “melhorar” é referendada pelos alunos quando destacam “características positivas de seus professores”, onde sentem o comprometimento, o profissionalismo de seus mestres. Porém criticam traços de personalidade, como “ser gritona” e “não deixar conversar na hora da aula” como aspectos negativos, isto indica o quão importante são as relações interpessoais entre educador e educandos.

Os alunos por sua vez apontaram a importância da escola, enquanto organização formal de aprendizado, como espaço de ascensão social, ou inserção social, quer no meio em que vivem, o rural, quer no meio urbano.

Nota-se que, para alguns dos professores há ainda uma dificuldade em adaptar o trabalho ao meio rural, por não conhecê-lo detalhadamente. Observa-se, também, que há o esforço e o interesse, por parte dos docentes e diretores em desenvolver uma prática que, além de valorizar seu próprio contexto, integre-se a sociedade da informação, do conhecimento, porém, encontram obstáculos na burocracia, no descaso das autoridades para com as escolas rurais, na falta de projetos que contemplem suas necessidades.

Destaca-se a possibilidade dos sujeitos envolvidos fazerem uma reflexão mais profunda sobre o desempenho de suas práticas pedagógicas, seus anseios, preocupações, como também, as dificuldades de aprendizagem que encontram no seu dia a dia em sala de aula.

Por outro lado, este estudo contribui para que houvesse um intercâmbio de questionamentos entre professores de uma mesma série de diferentes escolas, promovendo assim uma troca de experiências em relação as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula. Essas trocas ajudam muitas vezes a resolver os problemas na sua prática profissional, por isso, compete ao professor refletir crítica e constantemente seus procedimentos docentes. É imprescindível que o professor tenha clareza sobre o que faz e, como o faz na sua relação com conhecimento, aluno, aprendizagem.

Assim, os professores, devem ter a preocupação, de realizar um trabalho de qualidade que permita ao aluno elaborar seu conhecimento de forma prazerosa, despertando a curiosidade, a criatividade dos alunos. O professor precisa constantemente fazer uma auto-avaliação do seu trabalho, pois só assim terá maior êxito no seu fazer pedagógico. Conseqüentemente haverá uma maior aprendizagem do aluno, pois a cada dia surgem novos

desafios no compromisso de educar, possibilitando que as diferenças sejam respeitadas, e que os sujeitos envolvidos sintam-se partícipes do processo, exercendo no dia-a-dia a sua cidadania. Ao mesmo tempo que esta proposta se delineia como perspectiva, temos consciência de que ela é apenas um desafio para projetos, já que muitas questões discutidas continuam sem respostas e suscitam novas inquietações sobre as práticas pedagógicas em 5ª série.

Observa-se, que as dificuldades encontradas são semelhantes em todas as sete escolas envolvidas no trabalho, assim como os sujeitos e a superação dos desafios que se apresentam, em consequência de serem, todas Escolas da Zona Rural.

A maioria dos alunos enfrentam as mesmas dificuldades como transporte, distância da sede do município e o fazer acontecer pelas autoridades na realidade apresentada pelo aluno do meio rural; atualização para que haja permanência desses jovens no campo.

## REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hanna. *A condição humana. 8 ed. (R. Raposo, Trad.)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BARBOSA, José Juvêncio, *Alfabetização e Leitura*. Editora Cortez. São Paulo, 1992.
- BRASIL. Lei n. 9.394, de 24 de dezembro de 1996, que fixa as *Diretrizes e Bases da Educação Nacional/LDB*.
- COSTA, Claudia Valéria F. Martins. *O Espelho Mágico da Modernidade: Um olhar sobre a violência da TV e a produção de subjetividades*. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.
- CUNHA, Maria Isabel. *O Professor Universitário na Transição dos Paradigmas*. Ed. I.M. 1998
- CURY, C. R. J. *Reforma Universitária na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional? Cadernos de Pesquisa*. n.101, jul. 1997: 3-19.
- DEMO, Pedro. *Avaliação Qualitativa. Polêmicas de Nosso Tempo*, Campinas/ SP: Editores Associados, 1996.
- ENRICONE, Delicia et. al. *Ensino, Revisão e crítica*. Porto Alegre: Sagra, 1988.
- FAZENDA, Ivani. *Interdisciplinaridade: um projeto de parceria*. São Paulo: Loyola, 1991.
- FERREIRA, Francisco Whitaker. *Planejamento sim e não*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. *Educação de corpo inteiro – teoria e prática da Educação Física*. São Paulo: Scipione, 1989.
- FUSARI, José Cerchi. *Formação contínua de educadores na escola e em outras situações*. In: BRUNO, Eliane Bambini Gorgueira (org). O coordenador pedagógico e a formação docente. São Paulo: Loyola, 2002.

GOOD e HATT, K. *Métodos em Pesquisa Social*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1968.

GUSDORF, Georges. *Professores para quê? Para uma pedagogia da pedagogia*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

GUTERRES, Clovis. R. J. *A Reflexão e a Prática na Educação*, Santa Maria. *Jornal da APUSM*. Ano I, nº3, outubro 1982.

HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*, 2 vol., Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

LIBÂNEO, José C. *Relações professor-aluno na sala de aula*. In *Didática*. São Paulo: Cortez, 1991.

LUCKESI, Cipriano, Artmed. *Avaliar a Aprendizagem*. In *Revista Pátio*, Ano 3, nº 12. Ano 2000. Porto Alegre, 1994.

LUDKE, Menga & MARLI, E. D. A. André. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MAGISTÉRIO, *Revista Conhecimentos Pedagógicos*, Instituto Padre Réus, Santa Cruz do Sul – RS, 2000.

MARQUES, Juracy. *Ajudando a Criança a Crescer*. Porto Alegre:Globo, 1990.

MARTINS, Carlos Estevam. “Três idéias para a escola” In: *Folha de São Paulo*., 24 de março de 1994.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino: As Abordagens do Processo Educativo*, São Paulo:Ed. E.P.U., 2000.

MORAIS, Regis de. *Sala de Aula: Que espaço é esse?* 10ª Ed. Campinas, São Paulo: Ed. Papirus, 1996.

PEREIRA, Tânia da Silva. *Direito da Criança e do Adolescente – Uma Proposta Interdisciplinar*. Rio de Janeiro, Livraria e Editora Renovar, 2000.

PINTO, Gerusa Rodrigues e LIMA, Regina Célia Villaça. *O Dia-a-Dia do Professor*. Minas Gerais: Editora Fapi LTDA, 5ª Edição, 1992.

RAYS, Osvaldo Alonso (ORG). *Trabalho Pedagógico Realidade e Perspectiva*. Porto Alegre: Sulina, 1999.

SACRISTÁN, Gimeno. *Poderes Instáveis em Educação*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VEIGA, Ilma Passos de Oliveira. *Projeto Político–Pedagógico da Escola: uma construção coletiva*. In: VEJA, Ilma Passos de Oliveira (org.). *Projeto Político – Pedagógico da Escola. Uma construção possível*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

WERNECK, Hamilton. *A interdisciplinaridade*. Instituto Padre Réus. Rio de Janeiro. 2000.

ZABALA, Antoni, *A Prática Educativa: Como Ensinar*. Porto Alegre, Artmed, 1998.

**ANEXOS**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL  
UFSM**

**ENTREVISTA COM DIRETORES**

TEMPO QUE ATUA NO MAGISTÉRIO: \_\_\_\_\_

TEMPO QUE ATUA NA ESCOLA RURAL, NO CARGO DE DIRETORA:

\_\_\_\_\_

1) Como você chegou a docência na Escola Rural ?

( ) Contrato Temporário                      ( ) Convocação para mais Horas

( ) Nomeação Concurso

2) Na sua prática como Gestor(a), o que considera mais importante? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3) Apontar as dificuldades e êxitos: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

4) Como faz para superar dificuldades ? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

5) Você considera que o Currículo de sua escola:

a) Atende as expectativas dos Educandos? Por quê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

b) Contempla o contexto em que a escola está inserida? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL  
UFSM**

**ENTREVISTA COM PROFESSORES**

TEMPO QUE ATUA NO MAGISTÉRIO: \_\_\_\_\_

TEMPO QUE ATUA NA ESCOLA RURAL: \_\_\_\_\_

- 1) Como você chegou a docência na Escola Rural ?  
 Contrato Temporário       Convocação para mais Horas  
 Nomeação Concurso

2) Como é o seu trabalho?

- Coletivo       Individual

DESCREVA-O: \_\_\_\_\_

---

---

---

3) Reverso sua prática educativa, você:

- a) está satisfeito ? Por quê ?

---

---

---

4) Apontar as dificuldades e êxitos: \_\_\_\_\_

---

---

---

5) Como faz para superar dificuldades ? \_\_\_\_\_

---

---

---

5) Você considera que o Currículo de sua escola:

- a) Atende as expectativas dos Educandos? Por quê? \_\_\_\_\_

---

---

---

- b) Contempla o contexto em que a escola está inserida? \_\_\_\_\_

---

---

---

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL  
UFSM**

**ENTREVISTA COM ALUNOS**

1) Você gosta da escola? Por quê? \_\_\_\_\_

---

---

2) Quais suas dificuldades como estudante? \_\_\_\_\_

---

---

3) CITE:

a) Duas características de seus professores que você considera positivas

---

---

b) Duas características de seus professores que você considera negativas :

---

---

c) 4) Como aluno de escola da zona rural, que assuntos gostaria que fossem abordados em aula ? \_\_\_\_\_

---

---

---



**PRÁTICAS EDUCATIVAS NAS QUINTAS SÉRIES DAS  
ESCOLAS ESTADUAIS RURAIS DE CAÇAPAVA DO SUL**

**por**

**Gerusa Maria Xavier de Lima**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para a obtenção do Grau de **Especialização em Educação com Ênfase em Gestão Educacional.**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Myrian Cunha Krum**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2005**